

## UMA DISCUSSÃO SOBRE O CONCEITO DE INTELLECTUAL EM KARL MANNHEIM E ANTONIO GRAMSCI

### ONE DISCUSSION IN THE CONCEPT OF INTELLECTUAL IN KARL MANNHEIM AND ANTONIO GRAMSCI

MALINA, André<sup>1</sup>  
OLIVEIRA, Vitor Marinho De<sup>2</sup>  
AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto De<sup>3</sup>

#### RESUMO

O aprofundamento na discussão sobre o intelectual e sua função social pode ser verificado no presente estudo. Tal debate é analisado à luz de emblemáticos autores sobre a concepção de intelectual, como Mannheim e, especialmente, Gramsci, onde discutimos o intelectual gramsciano. Diante disto, obtivemos como resultado a importância do intelectual no desenvolvimento cultural e social. Estes intelectuais subsidiam inclusive a docência, ao mesmo tempo, influenciam os rumos da sociedade.

**Palavras - chaves:** Intelectuais; Educação.

#### ABSTRACT

The depth in the discussion about intellectuals and their social function may be verified in the present study. This debate is analyzed in the light of important authors on the definition of intellectual, such as Mannheim and, especially Gramsci, where we discussed the intellectual gramsciano. As a result we have the importance of the intellectual in the social and cultural development. These intellectuals even support the faculty in education, and influence, at the same time, the direction of the society.

**Key Words:** Intellectuals; Education.

---

<sup>1</sup> Prof. Adjunto da UERJ - Membro Do Laboratório De Estudos Marxistas Em Educação (Leme) - Prof. Ensino Superior do ISERJ.

<sup>2</sup> Doutor em Educação, Prof. Adjunto da UERJ (Aposentado) - Membro do Laboratório De Estudos Marxistas Em Educação (Leme).

<sup>3</sup> Doutor em Educação, Prof. UNESA/RJ - Membro do Laboratório de Estudos Marxistas em Educação (Leme).

## INTRODUÇÃO

A noção de intelectual não é recente e está permeada pela idéia do letramento e do discurso. Na sociedade atual, vemos pessoas e grupos organizados pensando esta sociedade e definindo ou informando rumos para ela a partir de opiniões e ações. Na academia, a produção de conhecimento crescente, de um modo ou de outro, também é um componente de delineamento da perspectiva da sociedade.

No presente trabalho, buscamos caracterizar dois conceitos de intelectual distintos: o “intelectual livremente flutuante” de Karl Mannheim e o “intelectual orgânico” de Antonio Gramsci. Ao longo da caracterização, objetivamos demonstrar o caráter ideológico das duas matrizes conceituais e, paralelamente, o caráter pedagógico de ambas. Por um lado, os dois intelectuais produziram uma síntese da sociedade e, por outro, apontaram um rumo extrapolando o próprio conceito.

Para finalizar, buscamos compreender o propósito pedagógico dos conceitos apresentados que é facilmente observável na educação, tanto em sala de aula como fora dela. Cabe ressaltar ainda nossa opção teórico-metodológica pelo conceito gramsciano de intelectual, em detrimento do de Mannheim, ainda que premidos pelo espaço do trabalho, o que não permite o aprofundamento de outros conceitos de Gramsci, necessários para inteira compreensão de sua concepção de mundo.

Cabe ressaltar que muitos autores trabalharam com tal conceito de intelectual a partir de Mannheim e, na tradição marxista, especialmente de Gramsci. Neste ensaio optamos por discutir a partir das fontes primárias, recorrendo a outros autores somente por alguma necessidade textual ou de complemento à idéia central de discussão acerca da diversidade conceitual nesses autores e sua inter-relação com o processo pedagógico de formação da sociedade.

## O CONCEITO DE INTELECTUAL DE MANNHEIM

Mannheim associa a questão dos intelectuais como um problema da sociologia do conhecimento e da sociologia política, ou seja, o fazer científico dos intelectuais é relacionado a outras questões e passível de análise por parte de uma disciplina específica. O olhar dirigido ao fazer científico por parte do intelectual define a formulação do problema, a abordagem do problema, a classificação, ordenação e as categorias utilizadas. Mannheim (1986) define tal olhar como “posição social do observador”.

Os intelectuais por possuírem uma posição social, assumem uma determinada decisão política, o que aparentemente inviabilizaria uma ciência política. Mannheim, entretanto, vai tentar comprovar a viabilidade dessa ciência. Já a própria política, pela ótica do autor, possui uma pedagogia, que transmite valores em forma de uma atitude frente ao mundo e que passa por toda a vida de quem os assimila. A situação de época verifica que toda concepção de mundo seja partidária, especialmente uma visão política de mundo. O conhecimento está fragmentado, mas pode ser integrado complementarmente através de diversos pontos de vista. Nesse sentido, as teorias opostas são produtos de fatos sociais determinados e podem se completar possibilitando preliminarmente uma ciência política. A ciência política não seria, no entanto, uma ciência partidária, mas geral, do todo. (MANNHEIM, 1986).

Na tentativa de elaborar uma Sociologia do Conhecimento e uma Sociologia Política, Mannheim observa o intelectual como aspecto crucial nesta formação. Este intelectual publica seu principal livro *Ideologie und Utopie* em 1929, pelo qual é apontado como um dos “críticos do marxismo” (BOTTOMORE *apud*: BOTTOMORE, 1997). Nestes termos, embora tenha sofrido influência do marxismo em seus estudos iniciais, Mannheim se afasta progressivamente deste.

Mannheim (1982, 1986) discute a função dos intelectuais e a questão da ideologia, mas sua ótica, entretanto, é peculiar. Ele destaca que, embora não sejam os únicos, os intelectuais podem ser responsáveis pela melhor elaboração de sínteses relativas à sociedade. Para o autor, se adotarmos uma síntese absoluta, recaímos num intelectualismo estático, admitindo que o pensamento político tem origem desinteressada e que a síntese só ocorreria através de fontes de dentro deste âmbito político. Portanto, se o pensamento político vincula-se a uma perspectiva dentro do contexto social, uma síntese total deve tender a estar incorporada em algum grupo social, que pode estar localizado externamente ao meio político.

A verdadeira síntese deve ser relativa e dinâmica, adequada ao tempo e espaço presentes e, para ser válida, "deve-se basear numa posição política que venha a constituir um desenvolvimento progressivo, no sentido de reter e utilizar boa parte das aquisições culturais e energias sociais acumuladas na época anterior" (MANNHEIM, 1986), especialmente no sentido de avaliar o que é necessário e o que ainda não é possível. Esta nova ordem deve permear, se possível, toda a sociedade, buscando transformá-la.

Para Mannheim (1986, p. 180), a *intelligentsia*<sup>4</sup> seria o estrato que melhor desempenharia esta função, pois o estrato ideal deve ser "relativamente sem classe, cuja situação na ordem social não seja demasiado firme".

Em relação à posição dos intelectuais, Mannheim afirma que uma sociologia orientada para referir-se somente às classes sócio-econômicas não conseguirá compreender adequadamente este fenômeno, pois, desta forma, os intelectuais se constituiriam numa classe. É considerável que muitos intelectuais vêm de estratos sociais rentistas<sup>5</sup>, diretamente vinculados aos processos econômicos da sociedade. Alguns grupos de funcionários e profissionais liberais também poderiam ir nesta mesma linha de análise, e, com base nesta sociologia, pertenceriam igualmente à *intelligentsia*. Ao verificarmos tal questão com maior profundidade, conclui-se com um exame da sua base social, que há um menor vínculo destes grupos com uma classe, diferenciando-os dos estratos rentistas, atuantes mais diretamente no processo econômico. (MANNHEIM, 1986).

Ao analisarmos os intelectuais historicamente - pois consideramos a forma mais adequada de entendê-los - verifica-se que possuem grande heterogeneidade, devido principalmente, às modificações nas relações de classe. Estas relações de classe afetaram ora favoravelmente, ora desfavoravelmente aos diferentes grupos

<sup>4</sup> O termo “*intelligentsia*” aparece pela primeira vez na Rússia, no século XIX, como “*inteligencia*”, referindo-se a um grupo social local. Hoje, possui um sentido de convergência ideológica de um indivíduo ou grupo. (BOCAYUVA & VEIGA, 1992).

<sup>5</sup> Mannheim refere-se aos estratos sociais que possuem renda e vivem dela.

existentes, acarretando conseqüentemente a não determinação de sua homogeneidade. Os intelectuais estão unificados pelo que lhes é comum: a herança cultural e a educação, que tendem a "suprimir as diferenças de nascimento, status, profissão e riqueza, e a unir os indivíduos instruídos com base na educação recebida" (MANNHEIM, 1986, p. 181), mas sem que desapareça completamente seu status e seus laços de classe.

A educação moderna é um retrato das contradições da sociedade. A pessoa que recebe esta educação formal é influenciada por tais visões contraditórias e contrárias, chocando-se com a sua orientação, que não é processada baseada na instrução recebida, tendendo a agir influenciado somente por sua situação social imediata. (MANNHEIM, 1986).

Na vida moderna, a atividade intelectual não ocorre exclusivamente por meio de uma classe, mas por um estrato desvinculado de qualquer classe social, especialmente após a ascensão da burguesia, que, modernamente, tem duas origens sociais: os proprietários do capital e os que possuem como capital, sua instrução. (MANNHEIM, 1986). Para compreensão desta sociedade moderna, surge um estrato de uma sociologia que dificilmente irá compreendê-la caso se oriente exclusivamente em termos de classe.

Este estrato não se configura uma classe média, mas tem os processos que ocorrem na vida social. Quanto maior o número e as variantes das classes e estratos onde se recrutam os intelectuais, existirão mais correntes e tendências teóricas que os unem, causando um conflito na pessoa participante deste processo. (MANNHEIM, 1986).

Para o autor, os intelectuais possuem em seu interior, ainda que parcialmente suprimidos, os conflitos e contradições inerentes à vida social, tanto quanto forem maiores os estratos e classes de onde eles provenham. Assim, estão ligados ao seu ponto originário, mas estão "também determinados, em seus pontos de vista, por este meio intelectual que contém todos os pontos de vista contraditórios" (MANNHEIM, 1986, p. 182). Estes conflitos permitem que apreendam à totalidade da situação analisada com mais profundidade. Dessa forma, o intelectual pode apresentar-se desvinculado, pertencente a uma ordem única, a dos intelectuais. Embora tenham conflitos inerentes tanto à origem quanto à ordem constituída, eles encontram-se também desvinculados para analisarem e emitirem pareceres mais aprofundados a um amplo espectro da sociedade.

O pragmatismo e a instabilidade social são aspectos negativos dos intelectuais desvinculados, rótulo adquirido, em grande parte, devido a acusações de grupos politicamente extremistas. Para reverter tal situação, estes intelectuais apostam em duas linhas de ação:

- 1- A filiação a uma classe social, ou fornecendo teóricos aos conservadores, que não possuem autoconsciência teórica; ou ao proletariado, que não possuem condições para adquirirem conhecimentos necessários face aos conflitos políticos modernos; ou a burguesia liberal.
- 2- Perscrutam suas raízes sociais e tentam cumprir sua predestinada missão de defender interesses intelectuais do todo. (MANNHEIM, 1986).

Os intelectuais podem se filiar a uma classe, pois se adaptam a qualquer ponto de vista e possuem as devidas condições para escolher uma filiação. Entretanto, as pessoas que ainda não são intelectuais e são vinculadas a uma classe, quase sempre não ultrapassam os limites da sua visão de classe. Por outro lado, um indivíduo da classe proletária que ascende a condição de intelectual, não raras vezes muda sua personalidade social. (MANNHEIM, 1986).

Pela teoria mannheimniana, a sociologia dos intelectuais está intrinsecamente ligada à formação de uma ciência política que venha a ser ensinada nas Universidades para jovens, com compreensão da perspectiva e concepção do todo. Não existe a pretensão de que numa escola desta natureza, os professores não tenham tendências partidárias ou não se chegue a decisões políticas, mas

(...) existe uma profunda diferença entre um professor que, após cuidadosa deliberação, se dirige a seus alunos, cujas mentes ainda não estão formadas, de um ponto de vista adquirido por uma cuidadosa meditação, conduzindo a uma compreensão da situação total, e um professor exclusivamente interessado em inculcar um ponto de vista partidário já firmemente estabelecido. (MANNHEIM, 1986, p. 187).

Uma disciplina como a Sociologia Política, poderá ser útil para resolver questões tais como: Que interesse existe dentro de um contexto de fatos? Este interesse produzirá qual pensamento e que visão do processo social total? As respostas encontradas podem ser relações existentes dentro e fora do campo da política. Na perspectiva de Mannheim, a Sociologia Política deve se ater ao seu fundamento primário: as relações estruturais, passíveis de ensino. Tal ensino não deve se ater aos juízos de valor, mas compreender sua realidade social e a perspectiva de seus adversários, através de suas motivações e de sua realidade histórica e social. Desta forma, a Sociologia Política atinge, como uma ciência, a função de melhor síntese para sua época.

## **O CONCEITO DE INTELECTUAL DE ANTONIO GRAMSCI**

Gramsci é um autor que também discute a questão dos intelectuais, sua origem e função para a sociedade, porém numa perspectiva diferente de Mannheim. Gramsci adota uma perspectiva teórica identificada com o marxismo e parte dessa teoria para elaboração de sua proposta, onde tenta evidenciar o papel do intelectual como organizador da sociedade e da cultura<sup>6</sup>, vista como dimensão superestrutural da sociedade. Em referência à teoria gramsciana de sociedade, cabe destacar, peculiarmente, que ela é formulada quando Gramsci é preso, após pertencer como deputado ao parlamento italiano e ser identificado pelo Governo fascista de Benito Mussolini como um perigo à sociedade por suas idéias. Além disso, Gramsci pertencia e era um dos líderes do Partido Comunista Italiano - PCI -, do qual foi um dos fundadores. Na cadeia, ele escreve os “Quaderni del Carcere”, apontamentos teóricos feitos à mão, com escassa literatura. Gramsci morre em 1937 logo após ter saído da cadeia, mas sua visão social de mundo é publicada em sete volumes, no

<sup>6</sup> A expressão “os intelectuais como organizadores da cultura” embora seja título de um livro de Gramsci (1995), aparece somente de maneira esporádica em sua obra. Este livro é um trecho dos seus escritos no cárcere, em forma de coletânea, o que não significa que tal expressão não retrate a visão gramsciana da função dos intelectuais, mas sim que o título do livro tem esse nome por causa dos editores. (COUTINHO, 1981).

período compreendido entre 1947 e 1951, tornando-o um dos maiores teóricos do marxismo ocidental. (FIORI, 1974).

De acordo com as publicações de Gramsci, as pessoas se destacam em sociedade por diferentes meios. A atividade profissional pode ser considerada um desses meios - com função relevante para a sociedade ou não - dependendo da atuação desenvolvida. O destaque profissional é capacidade de todas as pessoas, mas a maioria não consegue desenvolvê-la ou exercê-la, bem como atingir função de líderes. Neste sentido, um engenheiro com formação para construir pontes e que trabalhe como cozinheiro, por exemplo, utiliza-se desta sua formação somente para aprimorar o ofício ao qual está vinculado socialmente. Podem ser chamados de intelectuais às pessoas que conseguem exercitar sua capacidade plenamente. Diversos são os fatores, no entanto, ocorridos durante o processo de aprendizado ou do surgimento de oportunidades na vida que interferem no exercício da capacidade plena das pessoas, mas mesmo as que não conseguem alcançá-la, continuam mantendo a capacidade de se tornarem intelectuais. A priori, todos são intelectuais, mas nem todos exercem função de intelectual para a sociedade.

Todos os grupos sociais que tem origem em funções estratégicas para a economia geram paralelamente um ou mais grupos de intelectuais, dando consistência e consciência de sua função para diferentes campos de atuação, como o social e o político, além do econômico. (GRAMSCI, 2001b). Pode ser denominado intelectual orgânico o grupo social que, dentro de suas próprias fileiras, produz intelectuais organizadores e dirigentes da sociedade, fundamentais na busca por uma nova ordem vigente para a sociedade a partir de uma classe social. Nesta perspectiva, são chamados intelectuais atuantes os que desempenham uma função de destaque ou crucial numa sociedade, e de intelectuais não atuantes os que não desempenham.

Para Gramsci (2001a, 2001b), os intelectuais são detentores e produtores de um discurso que influencia a organização da sociedade e da cultura, pois

(...) uma massa humana não (...) se torna independente (...) sem organizar-se (...); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, ou seja, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas "especializadas" na elaboração conceitual e filosófica. (GRAMSCI, 2001a, p. 104).

Os intelectuais são responsáveis pela organização da rede de crenças e relações tanto institucionais quanto sociais. Os que dominam essas relações são hegemônicos (classe dominante) e esta hegemonia, quando é coercitiva às outras classes, utiliza-se dos intelectuais para obtenção do consentimento das ações da classe dominante frente às outras. É neste sentido que ganha consistência, na teoria de Gramsci, a crítica sobre a redefinição do Estado como força + consentimento. (SASSOON, *apud* BOTTOMORE, 1997; GRAMSCI, 2001b). Um exemplo do papel dos intelectuais pela teoria gramsciana foi frente ao novo Estado-nação que surgiu com a unificação da Itália. Gramsci atribuiu o seu sucesso graças ao campesinato, que consentiu a nova ordem política. Os camponeses eram exceções ao amplo leque de grupos sociais em que poderiam se produzir intelectuais orgânicos, pois compartilhavam com as idéias dos intelectuais tradicionais, embora não os assimilassem em suas bases. (KIERNAM, *apud* BOTTOMORE, 1997; GRAMSCI, 2001b).

Os intelectuais tradicionais reproduziam idéias dos grupos mais antigos historicamente, e não eram comprometidos com o progresso, mas sim com tradições históricas anteriores. Eles se consideravam uma classe paralela às outras, o que é uma irrealidade pensada na filosofia idealista (KIERNAM, *apud*. BOTTOMORE, 1997; GRAMSCI, 2001b). São exemplos de grupos tradicionais: a aristocracia fundiária, os eclesiásticos - ligados organicamente à aristocracia fundiária -, que dominaram historicamente as instituições pertencentes à superestrutura e entraram em conflito com outros grupos tradicionais, podendo ser exemplificado, pelos teóricos e pelos filósofos daquele contexto. (GRAMSCI, 2001b).

Em outra perspectiva, mas também com dificuldades de análises ampliadas, temos a categoria do senso comum<sup>7</sup>. Esta é uma categoria mais restrita às atividades intelectuais e só poderia estar interligado com a intelectualidade se ela emergisse da massa populacional que compõe sua própria classe. Isto posto, os princípios e necessidades que existem provenientes de suas atividades práticas, seriam mediados pelos intelectuais orgânicos em busca de soluções para alcançar um real movimento filosófico, solidificando assim um bloco sócio-cultural. (GRAMSCI, 2001a).

A história da filosofia tem origem com a filosofia dos intelectuais. Tal história pode ser considerada como um ápice da atividade intelectual progressiva do senso comum dos estratos de maior poder cultural da sociedade atingindo, conseqüentemente, os estratos de menor poder cultural<sup>8</sup>. Na impossibilidade de se elaborar uma história do senso comum, a história da filosofia vem a ser a maior fonte de referências para as pessoas, sendo a política historicamente definida como uma mediadora deste processo. A partir do senso comum é possível concluir que todos são filósofos, todos têm uma linguagem, que quanto mais rica maior a possibilidade de avanço para a sociedade (GRAMSCI, 2001a).

O progresso para alcançar uma filosofia da *praxis*<sup>9</sup> inicia-se com a *catarsis*<sup>10</sup>, a superação do modelo de pensamento precedente e do pensamento concreto presente, e não com a introdução de uma ciência na vida individual das pessoas, ou seja, o marxismo tem início ao tornar nova uma atividade pregressa no mundo cultural concreto existente. (GRAMSCI, 2001a).

Por outro lado, no mundo moderno a atividade intelectual desempenha um papel importante na sociedade, que busca a ampliação das capacidades do indivíduo,

<sup>7</sup> Por senso comum, Gramsci compreende como às camadas da população que não tinham acesso à apreensão de elementos que podem ser entendidos como cultura, o que ocorre com grande parte dela. Existe dentro do senso comum um núcleo sádico, que é chamado bom senso, e que corresponderia a uma primeira etapa de desenvolvimento cultural em direção a intelectualidade. Este processo está diretamente ligado ao avanço de uma sociedade.

<sup>8</sup> Neste caso, Gramsci chama o bom senso de senso comum ao referir-se ao estrato de maior poder cultural frente à sociedade do primeiro em detrimento do segundo. Neste sentido, o bom senso existe como uma camada mais intelectualizada, com uma visão de mundo menos enviesada relativamente ao senso comum, embora seja parte dele.

<sup>9</sup> Gramsci refere-se ao marxismo como 'filosofia da praxis' por encontrar-se preso, à época de seus escritos.

<sup>10</sup> O termo "catarsis" no pensamento gramsciano mostra a transposição de uma visão puramente econômica (ou egoísta-passional) a uma visão ético-política, ou em outros termos, da transposição do "objetivo ao subjetivo"; da "necessidade à liberdade".

desenvolvendo e multiplicando espaços para sua especialização e aperfeiçoamento, tanto na ciência quanto nas atividades técnicas. Por esta vertente, a escola seria o melhor instrumento para formação de intelectuais nos mais diferentes níveis. Gramsci (2001b), considera que quanto maior o espaço físico da escola e mais níveis possuir, mais complexo será o mundo cultural e a civilização do Estado.

A categoria ideologia, por sua vez, pode determinar a função social do já referido intelectual atuante, pois embora todos os homens sejam intelectuais, nem todos exercem esta função no desenvolvimento de um projeto de luta política emancipatória. Nestes termos, os intelectuais atuantes podem também ser agentes da ideologia dominante, criando um senso comum servil, de universalização de idéias, funcionando como um elo de ligação para difusão da racionalização de um contexto social, embutido de valores e normas da classe dominante. A ideologia é vista assim, como "um processo geral de produção de significados e idéias que soldam e moldam como um cimento da sociedade a partir do que ela é" (BOCAYUVA & VEIGA, 1992, p. 216). Constitui-se, portanto, um bloco histórico, assim chamado na perspectiva gramsciana por retratar a sociedade em seu momento histórico.

Desta forma, cabe questionar como se pode analisar a repercussão do que cada intelectual atuante faz com seu potencial de ação e, também, se convém uma análise para conhecer a existência de uma repercussão social em torno do que o intelectual atuante promove com suas ações, sua fala e sua escrita na atividade profissional desenvolvida.

Em busca de respostas aproximadas, é pertinente considerar que:

a) O critério distinto do intelectual e de sua atividade intelectual em relação a outros grupos sociais não deve ser procurado intrinsecamente, mas ser encontrado no todo das relações que eles individualmente encontram no conjunto das relações sociais e históricas determinadas, tais como os grupos que representam. Afinal,

Quais são os limites "máximos" da acepção de "intelectual"? É possível encontrar um critério unitário para caracterizar igualmente todas as diversas e variadas atividades intelectuais e para distingui-las, ao mesmo tempo e de modo essencial, das atividades dos outros agrupamentos sociais? O erro metodológico mais difundido, ao que me parece, é ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais em vez de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e portanto os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais. Na verdade, o operário ou proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais. (GRAMSCI, 2001b, p 18).

b) A sociedade produz o ser humano que por sua vez produz a sociedade, tornando o homem caracteristicamente um ser social. Um homem se mostra para o outro somente socialmente, do contrário deixa de sê-lo. A humanidade essencial encontrada na natureza existe somente para o homem social, e este ser social é a característica fundamental da existência enquanto ser humano. Nestes termos, a sociedade une o homem à natureza, sendo o homem social, tanto individual quanto coletivamente, mesmo quando sua atuação profissional é de caráter científico, pois atua como homem. Todo o material envolvido nesta atividade científica, bem como a linguagem utilizada - na qual existe também



atividade pessoal - são produtos sociais. Em suma, o que se faz com a atividade científica, se faz para a sociedade e com consciência da existência enquanto ser social. O que se pensa e o que se faz, embora sejam coisas diferentes, unificam-se quando em conjunto. (MARX, 1987). Desta forma, o vir-a-ser do homem depende da repercussão social dos seus atos, especialmente quando advindos de uma atividade científica.

c) As repercussões sociais dos atos dos intelectuais, principalmente dos que fazem atividade científica, é passível de discussão, pois quando é realizada, é ideológica, mesmo quando o realizador não tem esta intenção. Ao compreendermos a ciência e o fazer científico como um fenômeno social - pois este fazer é produzido por pessoas, seres sociais - compreendemos que a atividade científica, apesar de não ser sinônimo de ideologia, está invariavelmente atrelada a ela. Não há ciência nem fazer científico sem ideologia, sob pena de aceitarmos o mito da neutralidade na ciência. Para demarcarmos algo cientificamente, no entanto, é preciso haver critérios de distinção do que é científico, sabendo-se que o científico não é óbvio, mas sim um fenômeno discutível. É considerável ressaltar que o fazer científico puro e intencionalmente ideológico também pode acarretar distorções na análise do fenômeno estudado, norteados a atividade científica para a atividade que tem como princípio o fazer científico ideológico-partidário, sem o distanciamento necessário para a apuração mais próxima da verdade dos fatos. Nestes termos, é considerável também que estes fatores fazem parte dos significados sociais da atividade científica realizada pelos intelectuais, embora muitas vezes não sejam considerados ou sequer observados. Neste sentido, a valorização extrema da erudição leva ao cientificismo, enquanto que a subordinação da pesquisa à ideologia leva ao surgimento de *a priori*s, ou seja, a erudição, o conhecimento aprofundado no assunto que está em pauta, é ponto importante no fazer científico, mesmo porque se a pesquisa não está concluída, não se sabe sua relevância, embora se acredite nela. Por outro lado, o fazer científico como uma característica particular da mente humana, está ligado "às condutas humanas e às ações do homem no meio ambiente. Fim último para o investigador, o pensamento científico é apenas meio para o grupo social e para a humanidade inteira" (GOLDMANN, 1980).

Assim sendo, para o surgimento de um novo grupo intelectual, pela teoria gramsciana, é necessário que a atividade intelectual seja estimulada e desenvolvida, invertendo a relação da atividade muscular operária, para que essa mesma atividade seja responsável pela construção de um pensamento diferenciado, novo, concebendo o mundo integralmente. (GRAMSCI, 2001b).

### **MANNHEIM X GRAMSCI: UM ESBOÇO DE SÍNTESE**

Mannheim, embora influenciado em sua formação teórica pelo marxismo, discorda de sua gênese, adotando uma perspectiva teórica de manutenção do sistema sócio-político-econômico vigente. Nesta perspectiva, o intelectual é visto como se pairasse sobre a sociedade, com mais capacidade de produzir análises sem ser obrigatoriamente vinculado, através de suas idéias, a uma classe.

Pela perspectiva de Mannheim, os intelectuais dão suporte às classes, mas através de vinculações extrínsecas, pois mesmo o proletário que adquire vigor intelectual,

modifica sua personalidade. Ademais, sua classe passa a observá-lo não mais como um proletário, mas como um intelectual, o que gera desconfiança da própria classe. Cabe ressaltar que esta desconfiança ocorre com qualquer intelectual. Tal perspectiva adota o ponto de vista da emancipação dos intelectuais como o principal problema para estes. Há por parte dos intelectuais, uma inquietação por não serem uma classe.

Para Mannheim, a grande questão que propiciaria seu avanço, é a tomada de consciência de sua função ou missão predestinada com a sociedade, mas nos termos dos intelectuais, não das classes. Na concepção de Mannheim, os intelectuais são os mais capazes de produzir sínteses, pairando sobre as questões analisadas e também sobre a sociedade, emitindo seus pareceres desvinculados de uma classe social, ou seja, é a chamada *freischwebende Intelligenz*<sup>11</sup>. Oportunamente, entretanto, os intelectuais se vinculam a uma perspectiva social, porém ideologicamente sem comprometimento (LÖWY, 1998).

Por outro lado, existem intelectuais que acreditam ser mais capazes de produzirem sínteses, negando o intelectual orgânico que emerge de sua categoria profissional e exerce liderança, embora seja desprovido de grande bagagem enciclopédica. Esta perspectiva mannheimniana se enquadra numa tipologia epistemológica da concepção de intelectual produtora de adeptos. Este intelectual paira sobre o senso comum e vincula-se ora a uma ora a outra classe social conforme sua síntese. Deste modo acredita ser imparcial e, ao mesmo tempo, realiza ingerências livremente. Nesta perspectiva o intelectual está numa camada intersticial da sociedade, e também pode ser encontrado na educação ou em outra área de conhecimento.

Já Gramsci adota uma perspectiva teórica identificada com o marxismo e parte desta teoria para elaboração de sua proposta, onde tenta evidenciar o papel do intelectual como organizador da sociedade e da cultura, vista como parte superestrutural da sociedade. Para Gramsci, o intelectual identifica-se invariavelmente a uma classe, visando à manutenção da sociedade ou sua transformação por meio de uma ruptura social, que o diferencia ideologicamente de Mannheim. Na perspectiva gramsciana, os intelectuais podem ser orgânicos, advindos da própria classe a que pertencem, e a teoria, neste caso, emerge intrinsecamente na classe, não havendo necessariamente uma vinculação advinda de maneira extrínseca.

Desta forma, os valores são fundamentais para os intelectuais quando vistos através da teoria gramsciana. Suas concepções ou visões sociais de mundo são determinantes na escolha da perspectiva de vida, do modelo de sociedade e da vinculação social à classe dominante ou à dominada.

---

<sup>11</sup> Freischwebende Intelligenz, é um termo utilizado por Alfred Weber para referir-se a uma intelligentsia socialmente desvinculada (MANNHEIM, 1986). Em outra publicação, Mannheim afirma que utilizou a expressão Relativ freischwebende Intelligenz, que quer dizer grupo intelectual relativamente descomprometido e advém de Max Weber, mas que não significa um grupo completamente afastado das relações entre classes, e pretendeu demonstrar que “certos tipos de intelectual têm maiores oportunidades de testar e usar as visões socialmente disponíveis e de experimentar suas incoerências” (MANNHEIM, 1956, in: Foracchi, 1982, p. 106).

Por outro lado, existem intelectuais que acreditam ser mais capazes de produzirem sínteses, negando o intelectual orgânico que emerge de sua categoria profissional e exerce liderança, embora seja desprovido de grande bagagem enciclopédica. Esta perspectiva mannheimiana se enquadra numa tipologia epistemológica da concepção de intelectual produtora de adeptos. Este intelectual paira sobre o senso comum e vincula-se ora a uma ora a outra classe social conforme sua síntese. Deste modo acredita ser imparcial e, ao mesmo tempo, realiza ingerências livremente. Nesta perspectiva o intelectual está numa camada intersticial da sociedade, e também pode ser encontrado na educação ou em outra área de conhecimento.

Já em Gramsci, verificamos a perspectiva da classe proletária vir-a-ser a classe dirigente. Verificamos ainda a possibilidade de os intelectuais atuarem em uma proposta contra-hegemônica. Tal possibilidade coloca-se na atualidade na ocupação de espaços e, por outro lado, na atuação - enquanto intelectuais orgânicos - em atividades diversas, como a docência. Esta atividade carrega na sua essência uma consistência no processo pedagógico, caro à concepção gramsciana. Este processo pedagógico ultrapassa a sala de aula naturalmente, e perpassa todos os campos sociais.

O princípio educativo em Gramsci, inclusive, é pertinente ao conteúdo formador de uma nova hegemonia. O procedimento desta nova hegemonia também é necessariamente uma tarefa pedagógica, onde a escola tem papel fundamental por dispor de meios para formação de intelectuais especializados e uma nova classe dirigente, elevando o patamar de consciência da população através também de uma escola única, unitária. O fato de existir uma escola única, no entanto, não significa fazer a mesma abordagem em todas as escolas, levando-se em consideração características diferenciadas, como a cultura local.

Na nova hegemonia, o homem é compreendido como um complexo conjunto de relações sociais, compreendido histórica e filosoficamente, mas capaz de fazer a sua história a partir de uma profunda compreensão do que se passou, até que ele fizesse parte dela. Por outro lado, o **fazer-histórico** coletivo deve ser produzido consensualmente, mas numa inversão social nos termos dirigentes, derivando de maneira dialética a maior hegemonia possível, para também ser possível o seu maior consenso, utilizando sua nova formação organizativa - onde muitos e não mais poucos participam - para mediar esse processo, aumentando a capacidade de direcionamento político.

Enquanto isso não ocorre, atuamos na contra-hegemonia e vivemos embates entre intelectuais vinculados à classe dominante e o marxismo. Os rumos da sociedade são direcionados *pari passu* com a perseguição a filosofia da *práxis*. O senso comum é afetado por canais de recepção desses intelectuais, assim como pessoas afeitas à ideologia veiculada para garantir a permanência da hegemonia vigente. Neste sentido, gostaríamos de exemplificar como os meios de comunicação de massa podem interferir por meio de opiniões de intelectuais vinculados à classe dominante, na opinião da própria sociedade. O filósofo Olavo de Carvalho escreveu em 2001 para centenas de milhares de leitores, que a intelectualidade marxista é culpada por uma rebelião nos presídios paulistas, pois

(...) os acontecimentos sangrentos da semana passada foram o efeito lógico e inevitável de uma ação coerente contínua e pertinaz, empreendida pela intelectualidade ativista na intenção de fomentar a revolta e transformar o Brasil primeiro numa Colômbia, depois numa Cuba. (CARVALHO, 2002, p. 07).

Ao contrário, em acordo com Gramsci, entendemos a relevância do que o homem pode ou não fazer, importa no valor daquilo que ele faz, pois a possibilidade é uma (e não a) realidade. Se a possibilidade quer dizer liberdade, sua medida também define o homem. Um exemplo disso é a fome. Há possibilidades de que não se morra de fome, mas, de fato, se morre. Tal fato é passível de constatação e espanto (para alguns, talvez muitos) e não é dissociado dos fatores conjunturais que o cercam, desde o indivíduo até uma atividade profissional - que é composta de indivíduos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCAYUVA, Pedro Claudio Cunca & VEIGA, Sandra Mayrink. **Novo Vocabulário Político**. Rio de Janeiro: Fases/Vozes, 1992.

BOTTOMORE, Tom *et alli*. Críticos do marxismo (verbetes). In: BOTTOMORE, Tom *et alli*. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARVALHO, Olavo de. Os Gurus do Crime. In: **O Globo**. Rio de Janeiro: p. 07, 22/02/2001.

COUTINHO, Carlos Nelson. Os Intelectuais e a Organização da Cultura no Brasil. In: **Revista Temas de Ciências Humanas**. São Paulo: Ciências Humanas, vol. 10, p. 93-110, 1981.

FIORI, Giuseppe. **A Vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a, vol. 1.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b, vol. 2.

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GOLDMANN, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia: o que é Sociologia**. São Paulo: Difel, 1980.

KIERNAM, V. G. Intelectuais (verbetes). In: BOTTOMORE, Tom *et alli*. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JESUS, Antônio Tavares de. **Educação e Hegemonia no Pensamento de Antonio Gramsci**. São Paulo/Campinas: Cortez/UNICAMP, 1989.

LOWY, Michael. **As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos (3º manuscrito). In: GIANNOTTI, José Arthur (Org.). **Karl Marx: Coleção Os Pensadores**. São Paulo, Nova Cultural, 1987.

MANNHEIM, Karl. Sociologia da Cultura. In: FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). Karl Mannheim: Sociologia - **Coleção Grandes Cientistas Sociais** - vol. 25, p.101-106. São Paulo: Ática, 1982.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MÉSZÁROS, István. Totalidade – verbete. In: BOTTOMORE, Tom *et alli*. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SASSOON, Anne Showstack. Hegemonia (verbetes). In: BOTTOMORE, Tom *et alli*. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.